



Gelo, de Sérgio Nazar David

Vera Lucia Pian Ferreira

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5116-9792>

E-mail: verapian57@hotmail.com

Nestes tempos obscurecidos por guerras e mudanças climáticas radicais, a palavra empobreceu. Reduzida ao seu significado literal, assume sua forma bruta e hirta nos textos de comunicação de massa. Ao pousarmos os olhos no recente livro de Sérgio Nazar David, professor, escritor e pesquisador dedicado à literatura portuguesa, deparamos com quarenta poemas enfeixados sob um título que nos remete à ambiguidade do frio que queima – *Gelo*. O título, na sua findável solidez, esperando ser fluidez líquida, é um alerta prévio para a recepção dessa escrita que obedece a ritmos ameaçadores, emaranha tempos heterogêneos e corre o risco de retornar à palavra a magia de seu gesto de arte, reparador e salvífico: “Tudo estará seco e mudo um dia. / Igualmente tudo se renova, mas só quando as palavras / nos transportarem” (David, 2023, p. 9).

Um dos fios que sustentam a poética de Nazar David é a insubmissão aos esforços racionais de compreensão e explicação do mundo – um forte aceno na direção contrária do ideário iluminista de felicidade e plenitude baseado no quanto sabemos, no quanto reconhecemos verdades, no quanto “progredimos” em espiral ascendente. O poeta maneja a alegoria da dúvida no poema “Hamlet”, já no irônico e metalinguístico título, aparentemente shakespeariano, mas, na verdade, uma referência a um verso do poeta argentino Hamlet Lima Quintana, que serve de gatilho para a chamada da pergunta shakespeariana: “O que é mais nobre para o espírito?” (David, 2023, p. 31). Um Hamlet compromissado com a hesitação e a inutilidade do poema, único antídoto para o desespero humano, assume a postura desconcertante da arte: “pergunto-me e não me entendo” (David, 2023, p. 31). O *não* entender, segundo o psicanalista e crítico literário Adam Phillips (2017), remonta a momentos primitivos de nossa existência em que sequer sabíamos que havia algo a compreender. Há prazer e certo conforto em não entender quando, por exemplo, escutamos vozes sem saber exatamente o que dizem. O poeta não se entende. Há, também, liberdade em não responder perguntas. A compreensão poética encerra “não entender”, permitir o reconhecimento impreciso do autoconhecimento e não saber o que falta. Em “Resíduos”, o poeta aprofunda o *não* aprisionamento da palavra ao conhecimento e revela as partes da sua



constituição inusitada e inapreensível: “Uma letra é um tecido/ (ou um pedaço de vidro dentro da sílaba?). / Todas / as letras, não se explica / nem se exprime, inexistem” (David, 2023, p. 71).

Sérgio Nazar David faz de sua escrita solitária um rio caudaloso, um poema contínuo que se adensa na confluência generosa de outros poemas. Não se trata de uma referência de influência, mas, sim, da reafirmação de uma conexão refinada que amplia a existência única do poema, aproximando-o da leitura de outro. O crítico literário Harold Bloom defende que “a influência, como a concebo, significa que não existem textos, apenas relações entre textos” (Bloom, 2003, p. 230). O chamamento à leitura de outros textos é, portanto, um gesto de desprendimento e cumplicidade. Juntos, os poemas podem fundar uma comunidade, uma relação estranha, mas profícua, na qual a presença de um poema é a lembrança da ausência de outro que nele, de certa forma, habita. Para o filósofo Maurice Blanchot (2013), o acordo tácito e extraordinário que une textos e seus leitores constitui uma *comunidade inconfessável*. É imerso nesse espírito de comunhão que encontramos o poema “Cicatrizes” (p. 79), acompanhado da recomendação de leitura de “Lá fiz o poema”, de Rita Taborda Duarte; “Gelo – I” (p. 19), a ser lido com “A meditação sobre o Tietê”, de Mário de Andrade; e ainda “O grito” (p. 11), “No teu rosto” (p. 63) e “Gelo – II” (p. 33), rodeados por “Lírica do ciborgue”, de E. M. de Melo e Castro, “O verão novo”, de Gastão Cruz, e “Jardinagem”, de André Monteiro. Uma comunidade pulsante, ensejando movimento de interação e vivência de partilha.

O contemporâneo e o não contemporâneo surgem na poesia de Nazar David como tempos instáveis, harmonizando seus materiais discrepantes na aparição do passado atualizado no presente. No intrigante “Esfera-I” (p. 13), a ninfa Tétis assume voz profética ao revelar, numa alusão às grandes navegações portuguesas, os infortúnios causados pela ganância desmedida dos homens: “Tétis / novamente faz ver ao velho Gama / desavindos mundos e planetas: / antes o que éramos / em resumo num semicírculo abstrato / hoje quase nada” (David, 2023, p. 13). A profecia da ninfa é dada como algo reiterado, um emaranhado dos tempos que coloca como anterior ao mito a referência camoniana do velho do Restelo (“Canto IV” dos *Lusíadas*), personagem que se contrapõe à visão exitosa das aventuras marítimas de Portugal. Os fracassos históricos do passado chegam aos versos de Nazar David como força de resistência do eu lírico: “Mesmo assim / renasço, recuso a morte e o desespero, / estendo a mão / como o nauta do desterro” (David, 2023, p. 13).

Nos poemas de *Gelo*, a herança tem também a insígnia de imagens míticas fundadoras da tradição filosófica e psíquica ocidental, como Antígona e Édipo, mediadores da vida humana e da irredutível finitude: “Desde os gregos esperamos o dia / em que não se possa olhar o pó e dizer pó. / Como reerguer a cidade de Antígona / antes de encerrar-se viva ou de Édipo / sem olhos arrancados?” (David, 2023, p. 47). Se, para Silvina Rodrigues Lopes (2017, p. 55), “a forma-poema é a memória profética, o que significa que nunca se limita à descrição e interpretação do passado, mas o constitui no próprio gesto que inventa o futuro”, em *Gelo*, a angústia difusa do homem moderno tem encontro inevitável com perguntas formuladas na Antiguidade clássica, uma perplexidade que se renova na persistência de indagações que sobreviverão à nossa própria ruína: “Um dia / tudo isso serão ruínas. A língua atada / aos verbos ser e estar (há outros mais / vazios) pergunta: e agora aonde vamos?” (David, 2023, p. 47).

Na engenhosa arquitetura de *Gelo*, encontram lugar atmosferas oníricas e perturbadoras: animais rastejantes, pequenos e peludos conferem aos poemas um ambiente minimalista de sonho, recalques e enigmas. Os versos nascem de desejos clandestinos emergidos da estreita fenda de sua inoportuna revelação – um grito na garganta, um arrepio fantasmal, um papel em branco na expectativa da escrita:

Eram muitas patas. Assim
de cima pouco se movia a aranha-
enceradeira.
[...]
Por fim acordei e esmaguei
(em que ordem mesmo?) o bicho.
Foi estranho pôr no papel sua textura
e formato. Era branco, com margens
de fino lápis, o pérfido buraco (David, 2023, p. 21).

Em “Entre espinhos” (p. 45), é no espaço familiar – a casa da mãe – que o estranho espreita, com apavorante agudeza, o desamparo e a solidão, só restando aos olhos se afastarem do que se passa no entorno e cravarem a atenção no que rasteja: “Na casa da minha mãe naquele final de tarde / não nos abraçávamos. Fui direto / ao meu antigo quarto. De volta à sala / vi pela porta ainda aberta a lagarta” (David, 2023, p. 45). A dor se dispersa do centro, e a visão do pequeno animal se impõe em detalhada decomposição, anatomia do desespero humano: “os minúsculos pedaços, a coroa, / as fraturas metálicas, imprecisos / e fáusticos anéis. / Estranho vê-la / em dois ou três minutos sumindo na úmida noite” (David, 2023, p. 45).

Em poemas tensionados pela emoção, a experiência autobiográfica comparece, avizinando a escrita ao testemunho infiel e precário. Os versos de Nazar David são um caleidoscópio de esquecimentos, falhas e dispersões, afastando-se da realidade vivida, para tecer um outro mundo borrado pela imprecisa memória. O *páthos* contido em objetos ou partes fragmentadas do corpo humano é forte o suficiente para desatar os limites entre vivos e mortos, presença e ausência, razão e loucura. “Japona vermelha” (p. 39) evoca a beleza imperscrutável das reminiscências da infância, quando um casaco carmesim, tal qual a “*madeleine* de Proust” mergulhada em uma xícara de chá de tília, desperta um mundo pretérito de acontecimentos ordinários, carregados de poderosa energia, verdadeiras imagens sobreviventes: a viagem para a compra de agasalhos – a japona vermelha –, uma promessa de dias de festa, a imagem no espelho e a decepção infantil do baile que nunca houve e, finalmente, a dúvida iluminante de todo o poema: “tive mesmo a japona, sua rude pelagem, ou, / apenas recordando-a, / visto-me ainda hoje para o outono?” (David, 2023, p. 40).

“O pé esquerdo” (p. 41) é um exercício de imagem fractal – um pé esquerdo, em sua sinistra presença, deslinda o pai e o seu destino desafortunado: “Cego aos 57 anos, / não tinha quase cabelos brancos / quando morreu” (David, 2023, p. 41). O poema se instala na afirmação de um amor que nega, implicitamente, o apagamento dos seus últimos versos: “Hoje pouco dá pelos / meus brinquedos de infância, e some / semanas: não sou nada nem ninguém, / diz. É isso aí. Te-

inho esse pai estranho” (David, 2023, p. 41). Em “Ainda”(p. 27), a morte do pai é pranteada com o avesso dos sentimentos, uma traição que, paradoxalmente, aviva a lembrança de caminhos percorridos juntos, de braços protetores. A ausência paterna é lamento ancorado nos versos do poeta colecionador das memórias possíveis: “Recolho, entretanto, cada / fagulha que não morreu, / Talvez nem mais em sonho / converse comigo. Ainda / assim escrevo (como teu filho)”. Nos dois poemas, a figura do pai adquire uma dimensão poética que evoca Dostoiévski: “Pai, diz-me: por que tenho o dever de te amar?” (1972, p. 230). Amar para não esquecer é o tributo do poeta ao pai de sua infância.

O impacto da poesia de Nazar David perdura além do tempo de sua leitura. Ao fecharmos o livro, outro experimento de arte se coloca: a capa. Ainda imersos nas vozes dos versos, somos capturados pelo assombro da pintura *A árvore cinzenta*, de Piet Mondrian (1911), cujos galhos retorcidos, fragmentados, aliados à atmosfera de solidão da obra, materializam memória, sonho, morte, herança, devastação e angústia – evidência da inscrição dos poemas de *Gelo* nessa última contemplação da arte pela arte.

CONFLITO DE INTERESSES

O(A) autor(a) não tem conflito de interesses a declarar.

REFERÊNCIAS

- BLANCHOT, Maurice. **A comunidade inconfessável**. Tradução por Éclair Antonio Almeida Filho. Brasília: Editora UnB, 2013.
- DAVID, Nazar Sérgio. **Gelo**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2023.
- BLOOM, Harold. **Um mapa da desleitura**. 2. ed. Tradução por Thelma Médici Nóbrega. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- DOSTOIÉVSKI, Fiodor. **Os irmãos Karamazov**. Tradução por Maria Franco. Lisboa: Estúdios Cor, 1972. vol. II.
- LOPES, Silvina Rodrigues. **Literatura, defesa do atrito**. Lisboa: Língua Morta, 2017.
- PHILLIPS, Adam. **O que você é e o que você quer ser**. Tradução por Cleci Leão. São Paulo: Benvirá, 2017.